

FAVELA VIVE: A resistência da população negra nas favelas na crise da Covid-19

DEIVI FERREIRA DA SILVA MATOS¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar como se deu o processo de desenvolvimento da subjetividade rebelde na pandemia da Covid-19 nas favelas do Rio de Janeiro. Para cumprir com o objetivo proposto realizamos um debate teórico de autores que discutem a construção do Ser negro na sociedade moderna e os impactos dessa construção social no período pandêmico. Afim de entendermos a acentuação da desigualdade social e do racismo estrutural nas favelas do Rio de Janeiro durante a pandemia da Covid-19 trabalhamos com as categorias Genocídio da População Negra em Nascimento e Necropolítica em Mbembe. Por fim para analisar o movimento de organização da população negra nas favelas durante a pandemia trabalhamos com a categoria de contraconsciência e a subjetividade rebelde nos escritos de Marcuse.

Palavras chaves: Cultura afirmativa; Covid-19; população negra favelada; genocídio; resistências.

Abstract: This work aims to analyze how the development process of rebellious subjectivity took place in the Covid-19 pandemic in the favelas of Rio de Janeiro. To fulfill the proposed objective, we carried out a theoretical debate of authors who discuss the construction of being black in modern society and the impacts of this social construction in the pandemic period. In order to understand the accentuation of social inequality and structural racism in the favelas of Rio de Janeiro during the Covid-19 pandemic encouraged with the categories Genocide of the Black Population in Nascimento and Necropolitics in Mbembe. Finally, to analyze the movement of organization of the black population in the favelas during the pandemic fought with the category of counterconsciousness and rebellious subjectivity in Marcuse's writings.

KeyWords: affirmative culture; Covid-19; slum black population; genocide; resistances.

1) INTRODUÇÃO:

*Dá licença Pai Antônio,
Eu não vim te visita
Eu estou muito doente, o que quero é me curá.
Se a doença fôr feitiço me cura no seu Congá;
Se a doença fôr de Deus ... Ah! Pai Antônio vai curá!
Coitado de Pai Antônio Prêto velho rezadô,
Foi parar numa prisão, Ah! por não ter um defensorô.
Pai Antônio na Quibanda ... É curadô!
É pai de mesa, é rezadô! É pai de mesa, é rezadô!
Pai Antônio da Quibanda é curadô!*

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS-UFRJ); s.david_mattos@hotmail.com.

A pandemia da Covid-19 no Brasil tem causado uma série de impactos sociais para as classes socialmente mais vulnerabilizadas, sobretudo a população negra pobre e favelada. A população negra, segundo a FIOCRUZ (2020) e a UFMG (2020) tem sido a população mais afetada pelos efeitos diretos e indiretos do vírus da Covid-19. No sentido direto, é essa população que possui a maior taxa de mortalidade da doença, além de ser a população que tem mais chances de ir a óbito caso seja contaminada pela doença. Negros possuem 70% de chances a mais de morrer por Covid-19 do que a população branca (UFMG, 2020). Indiretamente, porque é essa população a que mais sofre com os impactos sociais da doença. Evidentemente, tal processo se dá devido aos inúmeros processos antinegros que forjam as relações sociais brasileiras, onde mulheres e homens negros sofrem com o linchamento social que o colocam nos muros da desumanidade (NASCIMENTO, 2016) e (ALMEIDA, 2014).

Diante desse quadro desumano e racista, o qual, se não pode levar ao genocídio de negros e negras favelados no Brasil, resolvemos fazer esta pesquisa sobre tal objeto, o qual é uma parte significativa de minha pesquisa de mestrado que será desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSS-UFRJ). Para tanto, aqui, colheremos nossos dados a partir de fontes de papel (impressos e/ou online), sobretudo, através de uma análise documental das principais obras publicadas a respeito. Dentre elas destacamos: UFMG, (2021); Werneck (2022); Penssan (2022); Mbembe (2022, 2022b); Mandeta (2021); IBGE (2022); FIOCRUZ (2020); Nascimento (2016).

A sociedade brasileira contemporânea insiste em reinventar e resgatar aspectos da nossa herança colonial. Essa característica contribui para a compreensão do motivo de mulheres e homens negros possuírem os piores indicadores sociais. Ao se apresentar no Brasil moderno o negro devido a todo um histórico social de violações e práticas discriminatórias que foram praticadas desde o período colonial, é colocado como símbolo da exclusão

[...] embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito em mercadoria (MBEMBE, 2019).

A pandemia da Covid-19 acentuou essas relações de brutalidade e o processo de descarte e desumanização do Ser negro.

Segundo Fanon (2008), ao se apresentar no mundo moderno “o negro não é um homem. Há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer” (2008, p.26). E está zona de não-ser tem provocado o genocídio sistemático da população negra, fenômeno este que continua se reproduzindo e se reatualizando na contemporaneidade. Indicadores sociais como os relacionados a taxa de mortalidade por violência policial no Estado do Rio de Janeiro atestam esse fenômeno. Segundo o Mapa da Desigualdade 2020 da Casa Fluminense (2022): 81% das pessoas assassinadas pelas forças policiais na cidade do Rio de Janeiro são consideradas negras. Segundo dados do IBGE (2020) dos 10 milhões de pessoas entre 14 e 29 anos que abandonaram a escola sem ter completado a educação básica, 71% são negros.

O negro em nossa sociedade ocupa para além de uma zona de não-ser, uma zona de não cuidado, não pertencimento aonde o mito do “negro ruim” preenche esse espaço (FANON, 2008). Faz-se necessário que se trabalhe de maneira a desconstruir essa alienação colonial do negro. Essa violência psíquica que ocupa a mente de milhares de homens e mulheres negras brasileiros. A alienação colonial do negro é cunhada por Fanon (2008), no intuito de designar uma doença psíquica que tem na sua gênese o Colonialismo. Essa anomalia é específica de indivíduos colonizados que, através de experiências enfrentadas devido a sua raça, encontram uma série de traumas psíquicos e sociais que se desenvolve ao longo das sociedades colonizadas.

Para Marcuse (1997), um dos fortes pilares da sustentação do capitalismo com suas explorações, opressões diversas é a sua cultura. Esta, para o filósofo, pode ser denominada como a cultura afirmativa, a qual tende a se apresentar pretensamente sempre pelo seu viés positivo.

Cultura afirmativa é aquela cultura pertencente à época burguesa que no curso de seu próprio desenvolvimento levaria a distinguir e elevar o mundo espiritual, nos termos de uma esfera de valores autônomos, em relação à civilização. Seu traço decisivo é a afirmação de um mundo valioso, universalmente obrigatório, (...) eternamente melhor, que é essencialmente diferente do mundo de fato da luta diária pela existência, mas que qualquer indivíduo pode realizar para si `a partir de interior`, sem transformar aquela realidade de fato (MARCUSE, 1977, p. 95-96)

Como se vê, o estudioso de Frankfurt na citação acima, chama a atenção para o fato de que a cultura afirmativa, não nega que o homem enfrenta vicissitudes para se sustentar no mundo concreto; contudo, chama a atenção que a saída desses problemas materiais,

pode ser resolvido já nessa definição, pela vida interna, pelo espírito. Ou melhor, pela criação de uma subjetividade identificado aos valores do capitalismo.

Isso, em síntese, implica o seguinte: (a) pensar a cultura capitalista, para Marcuse (*op. cit*), que é colonial, racista, é observar que tal cultura dita um modo de vida econômico de exploração, expropriação, escravização, mas de outro lado, dita também um modo de vida sobre uma suposta existência interior, uma subjetividade hegemônica. Fato que, nesse mesmo ensaio de título " Sobre o caráter afirmativo da cultura", de a fabricação de uma alma de consumo. (b) a partir dessa subjetividade (ou vida interior), faz-se todo um trabalho sobre a produção desejante do homem, de forma que, em tese, todos deveriam passar a desejar, falar e ver como o capitalismo quer. Tornando o indivíduo alguém que rubricará um modo de vida que o oprime. Fato que ele escolhe, paradoxalmente, em nome de valores que dizem que podem libertá-lo. (c) essa "naturalização" de opressões tende a ocorrer também paradoxalmente em relação ao racismo. A partir de todo um trabalho subjetivo feito ao longo da história colonial, em tese, absurdamente, muitos passam a ver o negro e a negra como um defeito de cor, negando ao negro o direito de assumir sua negritude. (d) Mas, independentemente disso, Marcuse aponta que o poder de tecer essa trama a partir do fator econômico e subjetivo não acontece de forma total, pois há algo que escapa. Este algo que escapa, as brechas que pode surgir pela arte ou por movimentos à margem, podem criar resistências ou subjetividades rebeldes.

Assim, a grande questão que se coloca é como implodir com essa alienação, e desenvolver a subjetividade rebelde. A subjetividade que faz com que o indivíduo questione essa realidade social perene e de dor, e pense em outros *modus vivendi*. Como se movimentar para promover a vida, mesmo com o risco de morte iminente batendo a porta todo dia? Como promover e desenvolver o senso de autocuidado, e autopreservação em tempos de pandemia, quando ao longo da nossa formação social foi negada ao negro devido a sua raça, a capacidade de autodefesa? Atingir o processo de desenvolvimento de contraconsciência para grande parcela da população negra é um desafio pois conforme (NASCIMENTO, 2016, p.94) a classe dominante brasileira "considera qualquer movimento de conscientização afro-brasileira como ameaça ou agressão relativa".

A pandemia acentuou não só as desigualdades sociais oriundas do racismo estrutural e estruturante de nossa sociedade, a pandemia também potencializou a necropolítica sobre corpos negros. Nos termos de Mbembe essa categoria aponta para o processo em que "a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder

e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (2016, p.123). Desta forma, o poder absoluto reside em uma tecnologia de controle social que opera sobre a vida e a morte dos indivíduos. A pandemia democratizou o poder da necropolítica pois, ao portar o vírus e não cumprir com as medidas de restrições sociais (medidas que tem o intuito de impedir a circulação do vírus da doença), todos os indivíduos adquiriram o poder de matar via transmissão do vírus Sars-Cov-2 (vírus da Covid-19).

A circulação do vírus da Covid-19 no tecido social e sobretudo nas favelas e periferias do país se tornaram alvo de grande preocupação de pesquisadores sociais e infectologistas. As favelas brasileiras possuem um passado de negligência e descaso por parte das autoridades públicas. Além da negligência a população que habita esses espaços sofrem por uma forte estigmatização social. Nascimento (2016) em sua obra evidencia que as favelas, os guetos, os pardieiros do Brasil são exemplos do descaso e da não absorção do negro na sociedade moderna brasileira. Essas moradias segundo o autor têm por perfil serem ocupadas por germes e mosquitos das águas paradas. Ao se referir a população fluminense o autor refere que: “No Rio de Janeiro, sofre a população negra a humilhação e a simultânea degradação das favelas, que se dependuram nas encostas dos morros, e por esse motivo se tornam famosas pelo pitoresco de seus barracos e de seus ambientes” (NASCIMENTO, 2016, p.100).

Para comprovar sua tese Nascimento traz uma pesquisa realizada em 1950 no Estado do Rio de Janeiro pelo diário de “O Estado de São Paulo” que traz dados sobre a situação habitacional do Rio de Janeiro na época. Tal pesquisa comprova que são os negros a maioria da população que ocupavam este tipo de moradia. Segue abaixo a tabela com os dados.

Tabela 1 - População do Rio de Janeiro em 1950

População do Rio de Janeiro	
Branco	1.660.834
Negro	708.459
População das Favelas	
Branco	55.436
Negro	113.218

Fonte: NASCIMENTO (2016)

Conforme os dados apontam embora a população negra fluminense possuísse um número relativamente inferior ao da população branca, esta era a maioria da população que ocupava as favelas. Estes espaços à época eram o destino em que a maioria das famílias

pobres constituídas de pessoas negras eram obrigadas a habitar. A questão da moradia no Estado do Rio de Janeiro sempre foi uma grande chibata social para a população negra. Fazendo parte do grande labirinto social constituído pelo tripé raça, classe e racismo estrutural.

Se os negros vivem nas favelas porque não possuem meios para alugar ou comprar residência nas áreas habitáveis, por sua vez a falta de dinheiro resulta da discriminação no emprego. Se a falta de emprego é por causa de carência de preparo técnico e de instrução adequada, a falta desta aptidão se deve à ausência de recurso financeiro. Nesta teia o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação - no emprego, na escola- e trancadas as oportunidades que permitiriam a ele melhorar suas condições de vida, sua moradia inclusive. **Alegações de que esta estratificação é "não-racial" ou "puramente social e econômica" são slogans que se repetem e racionalizações basicamente racistas: pois a raça determina a posição social e econômica na sociedade brasileira.** (NASCIMENTO, 2016, p. 101, grifos nossos).

Pondo o autor em diálogo com Marcuse (1986) é possível inferir que de fato não há dúvidas, de que os aspectos concretos da história dos indivíduos, são determinados pela sua situação de classe. No entanto tal condição não é a causa do destino que a pessoa vivência em vida, desta forma para o autor é nos aspectos da realidade concreta que o contexto de classe é ultrapassado. Desta forma é importante entender tanto as bases materiais entendidas como a verdadeira realidade que cerca o indivíduo, mas também é preciso entender as relações não materiais tais como a consciência individual que segundo o autor pode ter função: “tanto regressiva quanto emancipatória” (p.17).

Na atualidade brasileira a população negra ainda é relegada a residir nos piores tipos de habitação. Habitações sem água potável, saneamento básico, com circulação de ar precária, moradias sem banheiro, em suma moradias insalubres e que apontam para a grande problemática do déficit de inadequação habitacional no Brasil. Durante o ápice da pandemia da Covid-19 o ex-Ministro da Saúde Henrique Mandetta apontou que o governo não tinha nenhum plano de contenção para impedir a circulação do vírus da Covid-19 nas favelas.

É muito dura a realidade do povo brasileiro, as nossas favelas, a gente falar em vamos fazer quarentena com 6 pessoas por barraco no caso do Rio de Janeiro, aquelas vielas de deslocamento 1 metro e 14 entre um barraco e outro uma das maiores incidências mundiais de tuberculose porque não bate vento, não tem esgoto e mal tem uma água tem um gato de energia elétrica. Então a gente falar de isolamento, ou não isolamento no Brasil é muito complicado. Porque a gente acaba falando para uma classe social e a vergonha das fraturas expostas que a gente acumulou o nosso total descompromisso achando que favela é uma coisa cultural. Não, as pessoas moram nos barracos... o morro ... o morro de romântico não tem nada. Aquilo dali está apresentando é a fratura agora então está faltando é sensibilidade, está faltando enfrentamento dessas questões. (MANDETTA, 2021, p.?)

Mandetta assim como todos os quatro ex-Ministros que ocuparam a pasta do Ministério da Saúde ao longo do governo Bolsonaro, governo que estava à frente do Brasil na crise sanitária de Covid-19, não desenvolveu nenhum plano para atenuar o impacto da disseminação do vírus nas favelas. A população favelada foi largada a própria sorte, cabendo a ela a responsabilidade de criar métodos que impedissem a contaminação e a mortalidade em massa caso contraíssem a Covid-19. Competiu a esta população desenvolver um *sensu* crítico que questionasse a realidade necro que o governo federal e seu representante Mor, o ex-Presidente da República Bolsonaro e seus pares apresentavam. Ante a negação da gravidade do vírus, a negação da ciência apresentada pelo Presidente da República e seus acólitos, coube a população mais vulnerável repensar a estética de morte defendida pelo governo.

Numa situação em que a infeliz realidade só pode modificar-se através da práxis política radical, a preocupação com a estética exige uma justificação. Seria inútil negar o elemento de desespero inerente a esta preocupação: a evasão para um mundo de ficção onde as condições existentes só se alteram na imaginação. (MARCUSE, 1986, p. 15).

Marcuse em seus escritos aponta que um dos caminhos para se chegar ao desenvolvimento da práxis radical, é o momento em que o indivíduo passa a questionar a sua própria realidade social, e pensa em formas abstratas e concretas que desafiam a racionalidade e a sensibilidade incorporadas pelas instituições da classe dominante (1986). Ao criarem estratégias para conter a disseminação do vírus da Covid-19, dentro das favelas. A população deste espaço cuja maioria é negra pensam em formas de resistir de questionar a teia de relações sociais coisificadas, e questionar a política de morte apresentada e defendida pelo governo federal. Cabe apontar que durante todo o período pandêmico o governo Federal ignorou a gravidade da pandemia e o Presidente da República por inúmeras vezes debochou do potencial agressivo que o vírus possui contra os mais pobres.

2) COVID-19 NAS FAVELAS: entre o genocídio e as resistências coletivas pela vida:

O estado do Rio de Janeiro historicamente, possui uma demanda latente por promoção, proteção e recuperação de saúde nas favelas e periferias. Segundo Campos (2012), as favelas e os cortiços, surgiram no espaço urbano para suprir o hiato formado

pelo déficit habitacional e a falta de uma política pública habitacional que permitisse aos negros ocuparem e construir moradias no espaço urbano. Importante frisar que o Art. 6º da Lei 8.080/1990 prevê que dentre os determinantes e condicionantes sociais de saúde estão: a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o trabalho, a educação, a renda dentre outros (BRASIL, 2022). Em todos esses itens apontados a população negra apresenta demasiada fragilidade social, expressões da questão racial que se atrelam a questão social que ficaram mais latentes no período pandêmico.

Com relação a fome no Rio de Janeiro segundo a Rede PENSSAN (2022) 2,7 milhões de pessoas no estado fluminense não tem o que comer e a fome atinge mais a população pobre e favelada. A maioria dos indivíduos que sofrem por insegurança alimentar são consideradas negras, segundo a pesquisa 65%. Essas famílias chefiadas por pessoas negras possuem restrição de alimentos em diversos níveis. Formam-se filas de corpos negros nas portas dos açougues a procura de ossos e restos de carne para suprir uma necessidade social e natural básica que é a alimentação.

Na educação a população negra também foi a mais impactada socialmente durante a pandemia da Covid-19. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua em 2019, jovens negros de 14 a 29 anos representaram a maioria nos indicadores de evasão escolar. Segundo a pesquisa este grupo ocupa cerca de 71% dos alunos que abandonaram os estudos (IBGE, 2020). Num país marcado por dilacerantes desigualdades sociais sabemos o quão importante é os estudos para uma possível ascensão social e melhoria da condição de vida. O motivo do abandono das atividades escolares se deu por diversos motivos o principal deles, a necessidade de complementar a renda familiar, que teve queda expressiva durante a pandemia.

No Brasil o genocídio do negro brasileiro, não se dá somente por meio da morte física, percebemos também que o genocídio ocorre no campo social. Negros são mortos na educação, na saúde, na economia, na cultura. São diversas formas de violência racial que não permitem que homens e mulheres negras tenham uma vida digna, ou o direito de existir. Conforme Fanon (1961), esta população é marcada por uma violência atmosférica, uma violência que os acompanha durante os diversos ciclos de vida.

O neoliberalismo tem por um dos seus princípios a ideia de que alguns indivíduos possuem mais valor que os outros. Logo, dentro dessa perspectiva quem não tem valor é passível de ser descartado. Esse sistema político e econômico trabalha na perspectiva de que mulheres e homens, são sujeitos dinheiro, a grande problemática que se coloca é que

em países de capitalismo periférico e dependente como o Brasil, em que pesa o carácter da superexploração do trabalho cada vez mais formam-se sujeitos dinheiro, sem dinheiro (KURZ, 1992). Sujeitos que não possuem capacidade de consumo, o que evidencia uma contradição dentro desse tipo de sistema pois conforme Mbembe “o neoliberalismo baseia-se na visão segundo a qual todos os acontecimentos e todas as situações do mundo vivo podem deter valor de mercado” (2014, p. 13).

Na periferia do capitalismo, os impactos do neoliberalismo têm sido mais intensos, pois tal fato é aliado ao forte processo de desindustrialização, dando origem ao que Kurz (1992), categorizou como sendo “Casos Sociais Mundiais”, pois são países falidos, senão quase falidos, que concentram uma série de crises socioeconômicas: guerra civil, genocídios, falta de habitação, uma série de epidemias; desnutrição, entre outros. O governo Bolsonaro desde o seu início em 2018 tem acentuado essas expressões, sobretudo a política de descarte dos mais pobres que foi impulsionada na pandemia.

Ao longo de todo o período pandêmico, o Presidente da República Jair Bolsonaro proferiu frases como: “E daí? Não sou coveiro!”; “Todos nós vamos morrer um dia!”; “Se você tomar a vacina e virar jacaré é problema seu”; “Não adianta fugir disso, fugir da realidade, tem que deixar de ser um país de maricas”. O Presidente e seus pares foram os maiores incentivadores do desrespeito às práticas de contenção do vírus tais como a utilização de máscaras e o isolamento social. Ao priorizar a “saúde econômica” ao invés da saúde das pessoas o governo Federal contribuiu para a morte de mais de 600 mil brasileiros, que tiveram suas vidas ceifadas pela Covid-19.

Nas favelas fluminenses milhares de pessoas foram mortas a maioria delas negras. Segundo o Painel Unificador Covid-19 nas Favelas foram 230.916 casos confirmados da doença. Dentro dessa constelação o número de óbitos confirmados chegou a 8.603 pessoas (Experience, 2022). Parte considerável dessas mortes, poderiam ter sido evitadas caso o Presidente da República Jair Messias Bolsonaro desse o exemplo, e não incentivasse a população a tratar a doença como uma “gripezinha”, não atrasasse a compra de vacinas contra a doença, e não deslegitimasse a eficácia das vacinas contra o vírus da doença. Bolsonaro produziu inúmeros atos antivida e pró morte durante a crise sanitária. Um dos principais traços das ações desse governo durante esse período foram as pautas anticiência.

A ausência de um plano unificado de combate a pandemia e a falta de um planejamento eficaz no trato da saúde da população levou milhares de brasileiras e

brasileiros a morte. Esses discursos disseminados pelo presidente influenciaram na maneira com que as pessoas se portaram durante a pandemia. Conforme (HARARI, 2022, p.15, **grifos nossos**) acreditamos que:

O maior risco que enfrentamos não é o vírus, **mas os demônios interiores da humanidade: o ódio, a ganância e a ignorância**. Podemos reagir à crise propagando ódio: por exemplo, culpando estrangeiros e minorias pela pandemia. Podemos reagir a crise estimulando a ganância: por exemplo, explorando a oportunidade para aumentar os lucros, como fazem as grandes corporações. E podemos reagir a crise disseminando ignorância: por exemplo, espalhando e acreditando em ridículas teorias da conspiração. Se assim reagirmos, será muito mais difícil lidar com a crise atual, e o mundo pós-covid-19 será um mundo desunido, violento e pobre.

Se o governo federal agisse com responsabilidade e medidas de prevenção da doença fossem tomadas antecipadamente, segundo Werneck *et al* (2022), poderíamos reduzir de 15% a 38% a taxa de contaminação diária. Desta forma poderíamos evitar a morte de 300 mil brasileiros, que perderam as suas vidas após serem contaminados pelo vírus. A omissão do governo Bolsonaro na crise sanitária da Covid-19 requer uma investigação séria e acurada, pois esta omissão reforça a necropolítica sobre corpos negros. Partindo da prerrogativa de que o racismo estrutural é um forte determinante de saúde no país, o fato da população negra ser a mais atingida pela mortalidade da doença, evidência o projeto político de se apagar essa população.

Diante desta política de morte pregada pelo ex-governo, o movimento negro, coletivos das favelas, a central única de favelas (CUFA), e as Escolas de Samba do Rio de Janeiro se colocaram contra essa política. Esses organismos da sociedade civil dentre outros desafiaram a racionalidade e a falta de sensibilidade para com a população negra e favelada que foi incorporado pelas instituições da classe dominante. As escolas de samba se dedicaram a produção de máscaras para os moradores desses espaços, além de produzir capotes para os profissionais da saúde dos hospitais municipais. Rádios comunitárias, informavam a população favelada sobre os riscos e os agravos da doença, além da importância da população, na medida do possível tentar cumprir com as medidas de segurança contra a doença.

Cabe sinalizar a importância que o movimento negro aliado a pesquisadores também teve durante esse processo, esses dois últimos pressionaram os órgãos de saúde para que o elemento raça cor fosse preenchido nos atendimentos a pessoas com sintomas da doença. Segundo a FIOCRUZ (2020), uma das grandes problemáticas que ocorreu no início da pandemia, foi o fato de que as instituições não possuíam dados sobre os impactos da

doença sobre esta população. Isso se deu, pois, a portaria de Nº344 de 1º de fevereiro de 2012 do Ministério da Saúde não estava sendo cumprida. Segundo o Art. 1º da portaria a coleta do quesito cor e o campo denominado raça cor, é de preenchimento obrigatório (BRASIL, 2021, p.01). Graças a pressão de pesquisadores unidos ao movimento negro que os profissionais de saúde passaram de fato a cumprir com as orientações da portaria.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022) as favelas no estado do Rio de Janeiro agregam cerca de 716.326 domicílios. Acreditamos que todas essas lutas travadas pelo movimento negro e seus colaterais no intuito de atenuar os impactos sociais da Covid-19 nas favelas, fazem parte daquilo que Marcuse categorizou como o renascimento da subjetividade rebelde. Para o autor esse processo ocorre quando os sujeitos adquirem a capacidade de transcender a realidade imediata e destroem a objetividade reificada das relações sociais que se apresentam na realidade da experiência vivida. Esses fatores favorecem o surgimento do renascimento da subjetividade rebelde. Está ruptura com o *modus operandi* do governo Bolsonaro favoreceu o início do desenvolvimento de uma contraconsciência da população favelada. Contraconsciência nos escritos de Marcuse (1986) ocorre por meio da negação do pensamento realístico conformista que as relações sociais do modo de produção capitalistas apresentam para os indivíduos.

3) **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A primeira conclusão de nosso estudo indica que há uma cultura afirmativa, a qual, para Marcuse, não só é sinônima do capitalismo globalizado, como também trazendo suas raízes coloniais. Então, defendendo os valores do capital e da reificação, tem forte tendência racista. Tal cultura, para o filósofo, é *sui generis* no século XXI, pois, afora ditar para os quatro cantos do planeta o modo de vida econômico, dita também um modo de vida subjetivo. Isto implica que, a cultura afirmativa é um dos pilares da ordem capitalista, pois que difunde seus valores não só dominando o bolso do humano, mas também ocupando a sua alma. Daí que a partir desta ocupação, cria-se a própria servidão voluntária, em que é o próprio sujeito que passa a falar como a ordem, pensar, desejar e ver como ela quer. Isto ocorre, tanto do ponto de vista econômico, ideológico e macropolítico, quanto do ponto de vista cotidiano, pela vida privada através da criação dessa “alma capitalista”, ou melhor, da subjetividade hegemônica. Sim, porque, agora, os indivíduos, identificados ainda com os valores do neocolonialismo da reificação, passam também a “naturalizar” o racismo e todas

as formas de opressões e negação de direitos em relação a diferentes minorias e, em especial, com a negritude no Brasil².

A partir da negação de enfrentar a crise sanitária que se abateu mundialmente contra a humanidade com ações e políticas públicas para defender a vida dessa população negra favelada, o governo de Jair Bolsonaro paradoxalmente revelou o aspecto mais cruel do seu mandato. Sim, pois nos baseando-nos notadamente nos estudos de Mbembe (2022b), a política de Jair Bolsonaro para as favelas cuja maioria da população é negra, foi uma política de descaso e morte.

O caminho pró-vida que grande parcela da população negra das favelas adotou dialoga em partes com a ideia que (MARCUSE *apud* BASTOS e SOUZA, 2022) nos traz de desenvolvimento do processo de revolução.

Se a revolução deve ser realmente emancipação é necessária uma transformação radical dos homens; esse tipo humano radical já precisa existir de algum modo antes da revolução; é preciso que existam homens novos, radicais que estabeleçam novas instituições e relações socialistas. Senão, de fato, a velha porcaria toda recomeça desde o início; um sistema de dominação é substituído por outro. É o que tenho em mente ao falar da transmutação das necessidades. (MARCUSE, *apud* BASTOS e SOUZA, 2022, p.58)

Pondo o autor em diálogo com Moura (2022), é preciso compreender o significado e as nuances do longo período escravagista que o Brasil passou e os seus reflexos na sociedade atual. Esse período histórico influi em uma série de incompreensões sobre a importância desse fenômeno social, suas limitações, e as problemáticas que ainda persistem em se materializar nas relações sociais do presente, tais como a zona de não-ser colocada à população negra durante a pandemia. É necessário para nossos estudos analisar que:

o escravo não era apenas coisa, de acordo com as leis do tempo. Se assim fosse não haveria outra dinâmica social durante o regime escravista além daquela que as outras classes e camadas imprimiram. O escravo, no entanto, se, de um lado, era apenas coisa, do outro lado era ser. Por mais desumana que fosse a escravidão, ele não perdia, pelo menos totalmente, a sua inferioridade humana. (MOURA, 2022, p.20)

² Talvez inspirada nos trabalhos de Marcuse e de Fanon, a psicanalista negra Neuza Santos Souza tem um trabalho que aprofunda a questão de que o racismo começa na alma humana, ou seja, na subjetividade hegemônica. Isto ocorre, sobretudo, da seguinte forma: a) todo e qualquer humano para crescer em termos de ser autônomo e não dependente dos pais, necessita para por um processo de identificação com um Eu significativo (pais ou substituto de pais; b) em geral, sob o pacto da branquitude, em tese, tal processo se dá exclusivamente pela identificação com um Eu-significativo branco; c) Souza (2021) aponta que, aqui, está o problema: na medida que os negros, sob o necessário processo de identificação, se identifica-se com o branco como “Ideal de ego”, evidentemente, ele terá problema com sua identificação. Sim, porque se esse negro é negro e tem uma cultura própria, será praticamente impossível ele se tornar um branco, realizando aqui a dita democracia racial que quer apenas eliminar a negritude. D) para evitar esse “branqueamento”, Souza propõe que o negro assuma sua negritude, principalmente a partir da formação de sua subjetividade, ou seja, passe a se identificar com o ideal de Ego negro e não com o ideal de ego branco (Souza, *op. cit.*; Bastos & Souza, 2023).

Assim como os seus antepassados que foram escravizados e desenvolveram a práxis rebelde ao questionar e negar o sistema escravagista e realizaram uma série de insurreições para abolir e derrubar o sistema. Na atualidade no momento em que a população negra das favelas se colocou contra a política de morte disseminada pelo antigo governo federal durante a pandemia da Covid-19, estes também desenvolvem uma consciência crítica antissistema.

Os negros, com exemplos irredutíveis diante dos olhos, exemplos que se repetem no decorrer de toda a história pátria, não devem e nem podem alimentar nenhuma ilusão a respeito do futuro completamente sombrio que os aguarda. Pois como Carl Degler nos advertiu. “O que podemos esperar de uma sociedade fundada sobre a aventura e, não sobre o trabalho, fundada na caça fatal ao índio, na escravidão, na degradação da mulher? (NASCIMENTO, 2016, p.81)

Ao priorizarem o autocuidado e o cuidado do próximo durante a pandemia da Covid-19, as rádios comunitárias, as escolas de samba e os pesquisadores que realizaram estudos sobre os impactos da Covid-19 dentro de espaços favelados, se colocaram como agentes da luta antirracista. Pois tendo em vista de que a maior parte da população da favela é negra, e que estes são os mais afetados direta e indiretamente pelo vírus da Covid-19 é necessário que se impulsione práticas que favoreçam o desenvolvimento de uma consciência crítica da população desses espaços. Importante frisar que ao dizermos que é importante que se impulsione uma crítica antissistema, não estamos chamando essa população de inerte aos movimentos que as afetam, mais sim que é importante que somemos forças a este grupo estigmatizado na luta a favor da vida.

A favela além de potência é solidariedade. É necessário que a classe dominante aprenda práticas solidárias como as que essa população tem praticado. Fundamental também, se faz romper com o estigma social de que esses espaços são alvo. Pensamentos de que a favela contém somente criminosos, violência e pessoas perigosas, contribui para práticas racistas. Pois o fato desses espaços serem vistos pela classe dominante e o Estado apenas como *locus* criminal, contribuí para que essa população continue sendo negligenciada e não tenha acesso aos direitos sociais básicos.

Tal fato também contribui para que a população negra e favelada muitas das vezes seja punida por não ter um defensor conforme o Pai Antônio, negro escravizado que a cantiga de quimbanda que iniciou este texto narra a história. Acreditamos que o desenvolvimento da contraconsciência e da subjetividade rebelde fará com que este povo se torne livre do cativo social.

Referências:

ALMEIDA, M. S.. Desumanização da população negra: genocídio como princípio tácito do capitalismo. EM PAUTA (RIO DE JANEIRO), v. 12, p. 131-154, 2014.

BRASIL. Lei nº 8.080, de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8080.htm. Acesso em 01 dez. 2022.

BRASIL. PORTARIA Nº 344, DE 1º DE FEVEREIRO DE 2017. Dispõe sobre o preenchimento do quesito raça/cor nos formulários dos sistemas de informação em saúde. Disponível em: saude.gov.br. Acesso em 03 dez. 2021.

BASTOS, Rogério Lustosa & SOUZA, Lizete Quelha. Psicologia social, cultura capitalista e subjetividades: diálogo com o Projeto Ético e Político do Serviço Social. In: BASTOS, Rogério Lustosa et al. **Psicologia social e lutas anticapitalistas: diálogo com projeto ético-político do serviço social**. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

BASTOS, Rogério Lustosa. **O pensamento de Marcuse versus capitalismo tardio**. Rio de Janeiro: Azougue, 2017.

CAMPOS, A. Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2012.

CASA FLUMINENSE. Mapa da Desigualdade: Região metropolitana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa Fluminense, 2020: Disponível em: https://www.casafluminense.org.br/wp-content/uploads/2020/07/mapa-dadesigualdade-2020-final_compressed.pdf. Acesso em: jun. 2022.

EXPERIENCE. Painel Unificador Covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://experience.arcgis.com/experience/8b055bf091b742bca021221e8ca73c>. Acesso em: jan. 2022.

FANON, F. Pele Negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, F. Os Condenados da Terra. Tradução de Serafim Ferreira, Capa de Sebastião Rodrigues. Transcrição: João Filipe Freitas. Lisboa: Editora Ulisseia, 1961.

FIOCRUZ. REVISTA POLI - EDUCAÇÃO, SAÚDE E TRABALHO. Rio de Janeiro: Ed. v. 2, n. 74, nov./dez. 2020.

FIOCRUZ. Covid-19 nas Favelas: FIOCRUZ aponta que pandemia tem mais impacto em áreas pobres do Rio. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/covid-19-favelas-fiocruz-aponta-que-pandemia-tem-mais-impacto-em-areas-pobres-do-rio>. Acesso em: dez. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Covid-19: setembro de 2020. Brasília (DF).

_____. Aglomerados Subnormais 2019: Classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à COVID-19. Disponível em: [HTTPS://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101717_notas_tecnicas.pdf#:~:text=Os%20Aglomerados%20Subnormais%2C%20segundo%2](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101717_notas_tecnicas.pdf#:~:text=Os%20Aglomerados%20Subnormais%2C%20segundo%2). Acesso em set 2022.

KURZ, Robert. O Colapso da Modernização: Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Tradução de Karen Elsabe Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

MANDETA, L.H. 1 vídeo (4,13 min). MANDETTA: HÁ “DESCOMPROMISSO” COM FAVELAS E OS MAIS POBRES NA PANDEMIA. Publicado pelo canal UOL. Disponível em: www.youtubr.com/watch?v=l-p5Lx7FeCg. Acesso em dez. 2021.

MARCUSE, Herbert. A dimensão estética. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. **Sobre o caráter afirmativo da cultura.** In: MARCUSE, Herbert. Cultura e sociedade (vol 1). São Paulo: Paz e Terra, 1977.

MBEMBE, A. O direito universal à respiração. N-1 edições, São Paulo, p. 1-10, 30 mar. 2020a. Disponível em: https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_20-achille-mbembe.pdf. Acesso em: jun. 2022.

MBEMBE, A. Crítica da razão negra. São Paulo: N-1, 2019.

MOURA, CLÓVIS. Os quilombos e a rebelião negra. São Paulo: Editora Dandara 2022.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** São Paulo: Perspectiva, 2016.

PENSSAN. 2º INQUERITO NACIONAL SOBRE INSEGURANÇA ALIMENTAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil>. Acesso em dez. 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

UFGM. Negros Morrem Mais Pela Covid-19. 2020: Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/>. Acesso em: abril 2021.

WERNECK, Guilherme; BAHIA, Ligia; MOREIRA, Ligia; SCHEFFER, Mario. **MORTES EVITÁVEIS POR COVID-19 NO BRASIL.** Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/especiais/mortes-evitaveis-por-covid-19-no-brasil>. Acesso em: nov. 2022.